Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte GM (fim de Semana)
Data 23-25/11/2001 Pg 8
Class. 505



Alexandre A. de Oliveira

Douglas Daly

*O contraste das cores: a matéria orgânica que dá um tom escuro à água do rio Negro e o vermelho do sangue-de-drago, uma das plantas medicinais da Amazônia*

AMAZÔNIA

# A selva que cura

## As ainda preservadas florestas do rio Negro escondem várias promessas de remédios

**EDUARDO GERAQUE**
de São Paulo

O rio Negro apresenta muitos motivos visíveis para ser preservado. Ele é um dos três maiores rios do mundo. O fluxo de água que passa por seu leito é maior do que o de todos os rios europeus reunidos. O Negro abriga também os maiores arquipélagos fluviais de todo o globo: Anavilhanas (próximo de Manaus) e Mariuá (na região da cidade de Barcelos). Por essa grandeza, parece óbvio crer que um ecossistema como este apresenta uma biodiversidade fantástica e por isso precisa ser preservado e, em último caso, utilizado de forma sustentável.

Mas como nada na Amazônia é óbvio para aqueles que pensam apenas no dia de amanhã e em seus lucros pessoais, conhecer melhor aquele pedaço da selva amazônica é obrigatório. Mesmo que isso seja feito mais pela beleza das imagens que pelo conteúdo dos textos de um livro. A recém-lançada obra "As Florestas do Rio Negro", da Companhia das Letras (339 págs., R$ 70), tenta misturar conteúdo com obra de arte. O resultado é satisfatório. Além de conhecer a imensidão e a importância do rio Negro, o visitante a distância — o livro permite esse processo — pode perceber algumas coisas que estão escondidas nas margens no meio da selva que, muitas vezes, é tratada de uma forma bastante homogênea e, até por isso, desprezível. Esse, sem dúvida, é um grande equívoco.

O capítulo que trata do rio Negro como um cenário na busca de novos medicamentos, escrito pela cientista Ivana Barbosa Suffredini, mostra bem que a bandeira da preservação da floresta passa muito longe de um discurso "ecochato". À frente do programa de pesquisa realizado pela Universidade Paulista (Unip), Ivana relata com precisão como o conhecimento empírico dos indígenas e moradores das comunidades tradicionais da Amazônia poderão se harmonizar, de forma muito proveitosa para toda a civilização, neste século XXI. Escreve ela: "As florestas e seus habitantes devem ser tema de estudos e merecem estar no foco principal de políticas humanitárias e científicas na região."

Os dados coletados pelas dezenas de expedições dentro das florestas do rio Negro e de outras selvas sul-americanas reforçam essa importância. As comunidades próximas da selva se aproveitam, segundo os estudos científicos feitos na região, de 65% a 85% das espécies arbóreas. Elas são usadas para a alimentação, como remédio, construção, combustível, ferramentas, cestas, adornos e até em rituais religiosos pela maioria dos moradores da selva amazônica.

Na verdade, sustenta a pesquisadora da Unip, a diversidade das farmacopéias tradicionais vem mais da necessidade do que da curiosidade. Os cientistas estimam que 79% da população mundial depende de fontes exclusivamente naturais para o tratamento de enfermidades.

Não apenas os cientistas brasileiros constataram essa forte relação entre as plantas e o cotidiano dos índios e ribeirinhos da Amazônia. O etnobotânico norte-americano Richard Schultes documentou o emprego medicinal de aproximadamente 1,5 espécie na sua área de estudo dentro da floresta amazônica. Outro cientista, William Miliken, estudou apenas a utilização de árvores pelo índios waimiris-atroaris, que vivem na região do baixo rio Negro. As conclusões são impressionantes. Das árvores com diâmetro superior aos 10 centímetros encontradas em um hectare, 15% eram utilizadas como plantas medicinais.

Apesar de as pesquisas sobre plantas medicinas estarem em desenvolvimento, e de forma bastante rápida, o grau de destruição das florestas brasileira é, sabidamente, maior. O exemplo da Mata Atlântica ilustra bem o que pode ocorrer com a Amazônia no futuro. Toda a biodiversidade que existia na floresta costeira brasileira, que recobria principalmente o sudeste do Brasil, está extinta. A porcentagem dessas riquezas utilizadas, de fato, como medicamentos naturais é bastante pequena. As poucas iniciativas neste sentido estão localizadas no Vale do Ribeira, no sul do Estado de São Paulo.

E, na comparação entre floresta amazônica e Mata Atlântica, um dado mostra que a destruição, no futuro, ainda pode ser maior. Afinal, conforme atesta o livro publicado pela Companhia das Letras, a floresta amazônica é a que apresenta a maior diversidade biológica do planeta. Apesar de também ser óbvio, quanto mais plantas diferentes existirem em um ecossistema, maior será a probabilidade que remédios escondidos existam ali. Desde que nada seja destruído.

Segundo a cientista da Universidade Paulista, em termos amazônicos, o baixo rio Negro é uma das principais áreas de toda a floresta em representatividade biológica. Ali existe uma confluência de espécies de regiões mais distantes. Conforme as pesquisas realizadas na área, um único hectare (100 x 100 metros) é capaz de reunir 300 espécies diferentes. Neste cálculo, estão considerados apenas os exemplares com mais de 10 cm de diâmetro. Esta diversidade é maior do que qualquer uma encontrada em todo o continente europeu. Na reserva Ducke, que apesar do nome está localizada no Brasil, especificamente na região do baixo rio Negro, próximo a Manaus, foram identificadas 1,5 mil espécies de árvores e cipós. Ao todo, a região também abriga mais de 2 mil espécies do grupo das angiospermas.

No levantamento de plantas medicinais na Amazônia, os pesquisadores também encontram outras dificuldades que fogem, quase sempre, de suas especialidades. Além de conhecer as técnicas para extrair certas substâncias, de determinadas plantas, eles precisam interagir com as comunidades. É impossível identificar qualquer coisa sem o auxílio de um índio ou de um ribeirinho. Eles nasceram e viveram lá. Eles conhecem as plantas, muitas vezes, por nomes difíceis de compreender.

O rio Negro não é apenas sinônimo de remédio. A riqueza dessa região está na abundância, na grandeza e na mistura de cores. Como o próprio nome do rio sugere, a prevalência, pelo menos na água, é da cor escura. Isso ocorre porque a produção de matéria orgânica é muito alta. As águas lavam esta substância sobre a areia branca, o que acaba dando um resultado exuberante.

O livro da Companhia das Letras, co-editado pela Unip e pelo The New York Botanical Garden, pode ser uma experiência única de viagem pelos textos e pelas fotos. Mesmo porque, se o discurso dos pesquisadores pela proteção da floresta, pelo combate à biopirataria e pela melhor formulação dos acordos internacionais não forem acentuados, muito dessa riqueza ficará apenas sobre o papel.

A alcachofra, a babosa, o guaraná, o melão e várias outras plantas medicinas encontradas na Amazônia vão, com certeza, agradecer a atenção. Pelos menos os índios já sabem disso. ■